

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O globo

Class.: 286

Data: 16.08.87

Pg.: _____

Nem o Parque Ianomani acaba com a influência de missionários

ADEILDO BEZERRA

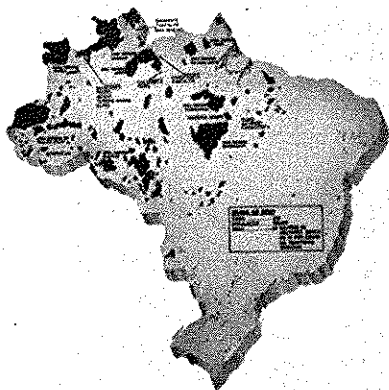
BOA VISTA — Os nove milhões de hectares interditados pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para instalação do Parque Ianomani, em Roraima e no Amazonas, vivem seus últimos dias como paraíso dos missionários que defendem o isolamento dos aproximadamente oito mil índios que habitam a região. Empenhados em retardar o processo de aculturação, que nesta área se delineia inevitável, estes missionários e indigenistas têm agora seu espaço de atuação ocupado por garimpeiros e pelos militares que estão chegando à região através do Projeto Calha Norte.

Mas, no momento, a influência dos missionários que atuam em comunidades indígenas ainda é grande. Só na área interditada para o Parque Ianomani atuam cinco grupos diferentes: o Conselho Indigenista Missionário (Cimi); a Comissão pela Criação do Parque Ianomani (CPI); a Missão Evangélica da Amazônia (Meva); a Missão Novas Tribos do Brasil e a Missão Asas do Socorro.

Legalmente constituídas para prestar assistência aos índios no setores de saúde e educação, algumas destas organizações são acusadas de desviarem riquezas minerais do Brasil, principalmente ouro e pedras preciosas, abundantes em toda região ianomani. A Meva, por exemplo, perdeu a credibilidade desde que foi identificada como fornecedora de pedras preciosas para os Estados Unidos, através de uma conexão que se sustentava em Brasília no Gabinete do ex-Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel.

O Vice-Presidente da entidade, Enoque Osório de Faria, garante que o objetivo do organismo é apenas evangelizar os ianomani, índios que sequer falam o português. No episódio do contrabando das pedras preciosas, segundo ele, quem se envolveu com o ex-Ministro foi a missão "Asas do Socorro" também de origem americana e com sede em Anapólis (GO). Mais retráida desde a eclosão do caso Abi Ackel, a Meva mantém em Boa Vista um hangar e quatro aviões, utilizados para o deslocamento dos seus missionários.

O grupo mais visado pelos organismos de segurança, no entanto, é a Comissão Pró-Criação do Parque Ianomani. Este grupo é subsidiado pelo Programa de Defesa dos Direitos Humanos da Noruega e tem como principal atividade dar assistência médica aos ianomani. Para realizar este trabalho, recebeu este ano 160 mil de dólares e, para o próximo ano, conta com recursos na ordem de US\$ 200 mil. Os militares identifi-



cam os organizadores do CPI como os interessados em preservar o isolamento dos ianomani, formar uma reserva e, posteriormente, transformar este espaço numa sociedade soberana, administrada por organismos internacionais. Este temor, segundo a coordenadora da Comissão, Cláudia Andujar, é fruto de fantasias. Ela garante que o grupo quer apenas evitar um contato brusco entre os índios e a cultura branca civilizada.

Este contato, segundo o índio Davi Ianomani, um dos poucos que fala português e que difere dos demais por andar vestido e ser muito forte, se torna cada vez mais iminente.

No Sul de Roraima, numa área interditada para a criação do Parque, trabalham pelo menos três mil garimpeiros. Preocupado com esta invasão, Davi escreveu ao Presidente Sarney. Como resposta, recebeu apenas uma carta onde é informado que o Governo estuda formas de adotar "medidas enérgicas contra os invasores".

O avanço dos garimpeiros é confirmado até mesmo pelo Presidente da Associação dos Garimpeiros, José Teixeira Peixoto, inimigo declarado dos padres, religiosos e indigenistas. Conhecido como "Baixinho", ele não consegue entender a presença dos missionários e se queixa por ele, "um brasileiro", não pode entrar nas áreas indígenas "que é terra do Brasil". Sua queixa vem acompanhada de uma denúncia, não confirmada, de que no Norte, na reserva do Parima, próximo à Venezuela, os missionários usam a proximidade com a fronteira para mandar minérios para o exterior.

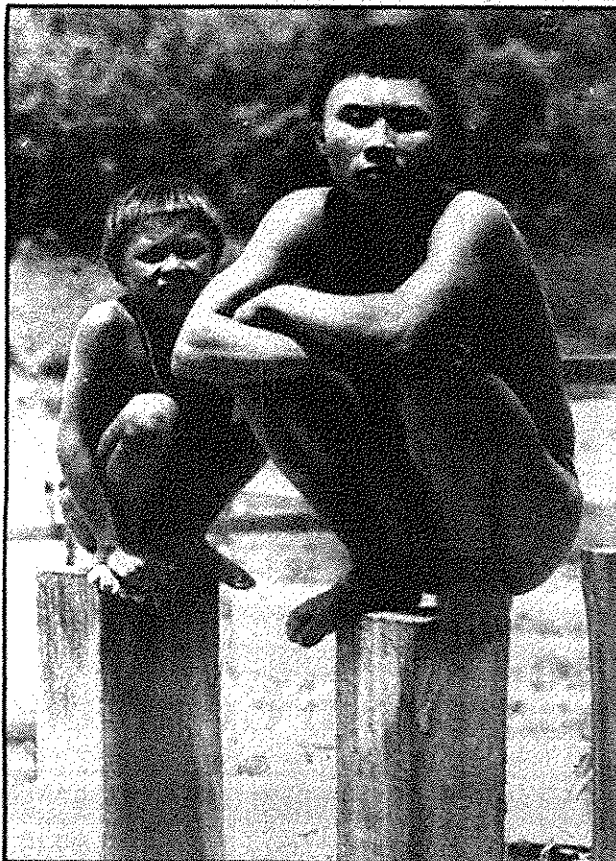
Recém-filiado à Associação, Geraldo Timpani Filho, um paulista de 30 anos, é o exemplo vivo do avanço da garimpagem em território ianomani. Há 15 dias em Boa Vista, Timpani arma com revólveres um grupo de sete homens e organiza uma expedição para procurar ouro na região.

Ele garante que não aceitará as limitações impostas pela Funai e a Polícia Federal e vai se embrenhar na selva fechada e praticamente desabitada para tirar ouro. Em Apiús, posto indígena que fica a 60 quilômetros da Base Militar do Projeto Calha Norte, os garimpeiros tomaram contra a região e estão atraindo para este tipo de atividade até mesmo os ianomani mais aculturados.

Na área do pelotão do Segundo Batalhão Especial de Fronteiras, onde o Exército tem um ponto avançado para o Calha Norte, os índios já sentem a aproximação do homem civilizado. A região será transformada em Vila Militar e para lá serão transferidos cerca de 70 militares e suas famílias. O temor da aproximação da civilização é tão grande que funcionários da Funai, instalados na região há pelo menos 12 anos, tentam evitar a aproximação entre índios e militares, estimulam o confinamento dos ianomani e bloqueiam o acesso à reserva aos brancos que não sejam missionários ou da CPI, mesmo que a direção da Funai tenha autorizado o acesso. Mas nem mesmo o confinamento melhora as condições de vida dos ianomani, que se apresentam magros e raquíticos, vivendo na miséria.

Foto de Gustavo Miranda

Foto de Gustavo Miranda



Os 8 mil índios ianomani ainda não foram aculturados

A missionária suíça Cláudia vive há 25 anos na região